

Graduação Pós-Graduação
 Artigo completo Relato de prática Resumo expandido

INTERCULTURALIDADE: desafios e adaptações de cultura entre estudantes guineenses e brasileiros da universidade federal do mato grosso do sul

Alessandra Karaja Soares
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
alessandra.karaja@ufms.br

Sumira Dé Có
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
sumira.co@ufms.br

Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
marcia.bortolucci@ufms.br

Gilda Ernesto Chissengue
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
gilda.chissengue@ufms.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os desafios de adaptação cultural enfrentados por estudantes guineenses em universidades brasileiras, considerando as relações interculturais estabelecidas com estudantes brasileiros. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, utilizando entrevistas semiestruturadas realizadas com seis estudantes guineenses e seis estudantes brasileiros da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no ano de 2026. Os resultados evidenciam que as principais dificuldades estão relacionadas às barreiras linguísticas, diferenças culturais, adaptação ao modelo acadêmico brasileiro, além de limitações no apoio institucional e vivências de preconceito. Por outro lado, foram identificadas estratégias de enfrentamento, como o fortalecimento de vínculos sociais, o desenvolvimento da autonomia e o foco nos objetivos acadêmicos. Como contribuição, o estudo destaca a importância da implementação de políticas institucionais mais inclusivas, do fortalecimento de ações de acolhimento e da promoção do diálogo intercultural, visando melhorar a permanência e a integração de estudantes estrangeiros no ensino superior brasileiro.

Palavras-chave: Interculturalidade; Cultura; Adaptação cultural; Estudantes internacionais; Ensino superior.



1 INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior brasileira tem se intensificado nas últimas décadas, com destaque para acordos de cooperação Sul-Sul que promovem a mobilidade de estudantes entre países africanos e o Brasil. Nesse contexto, instituições como a UNILAB e a UFMS têm recebido um número crescente de estudantes oriundos da Guiné-Bissau, ampliando os desafios e as possibilidades de práticas pedagógicas interculturais. Segundo dados do INEP (2022), houve um aumento significativo na presença de estudantes estrangeiros africanos em instituições públicas, especialmente em cursos voltados às ciências humanas e sociais. Esse fluxo migratório acadêmico insere-se em uma dinâmica que demanda não apenas adaptação por parte dos estudantes, mas também transformação institucional para acolher a diversidade de maneira efetiva.

A mobilidade estudantil entre Guiné-Bissau e Brasil, intensificada por programas de cooperação, tem configurado um espaço singular de trocas culturais e acadêmicas. Nesse cenário, estudantes guineenses vivenciam processos de adaptação que vão além do domínio acadêmico, abrangendo aspectos linguísticos, identitários e sociais. A língua surge como um dos primeiros desafios, pois o português, embora oficial nos dois países, apresenta variações estruturais e idiomáticas que influenciam a comunicação e o desempenho acadêmico (Baldé, 2021; Turé & Carvalho, 2023). Além disso, a integração no ambiente universitário envolve não apenas a convivência com colegas brasileiros, mas também o enfrentamento de barreiras culturais que exigem constante negociação de sentidos e reconstrução identitária (Gomes, 2022). A interculturalidade, nesse contexto, não deve ser entendida como simples coexistência de culturas, mas como um processo ativo de diálogo, mediação e aprendizagem recíproca (Luo & Chan, 2022). No entanto, a permanência desses estudantes também depende de fatores institucionais. Pesquisas recentes apontam que a política de assistência estudantil é decisiva para a continuidade da trajetória acadêmica de estudantes guineenses no Brasil (Rocha & Baticam, 2025).

Apesar dos avanços na cooperação acadêmica entre Brasil e Guiné-Bissau, ainda são limitados os estudos que analisam em profundidade a experiência intercultural dos estudantes guineenses em território brasileiro. Observa-se a existência de barreiras linguísticas, diferenças culturais marcantes e desigualdades no acesso a condições adequadas de permanência estudantil. Nesse sentido, a questão que orienta este estudo é: Como ocorre o processo de adaptação cultural dos estudantes guineenses no Brasil e quais são os principais desafios no convívio intercultural com estudantes brasileiros?

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo geral analisar os desafios de

adaptação cultural enfrentados por estudantes guineenses em universidades brasileiras, considerando o contexto da interculturalidade e das políticas de permanência. Como objetivos específicos, buscou-se (i) identificar os obstáculos linguísticos e culturais vivenciados por estudantes guineenses; (ii) compreender as estratégias utilizadas para a integração acadêmica e social; (iii) refletir sobre o papel das políticas de assistência estudantil na permanência universitária ; e (iv) discutir as contribuições da interculturalidade para práticas educacionais mais inclusivas.

A relevância deste estudo se sustenta em três dimensões. Na perspectiva teórica, possibilita a ampliação do debate contemporâneo sobre interculturalidade e mobilidade estudantil, dialogando com pesquisas recentes que evidenciam tanto desafios quanto potencialidades desse processo (Luo & Chan, 2022; Gomes, 2022). Já na perspectiva prática, oferece subsídios para universidades brasileiras aprimorarem suas políticas de acolhimento e assistência, fortalecendo a integração e o desempenho acadêmico de estudantes guineenses (Rocha & Baticam, 2025). Sua contribuição social reside na valorização da diversidade cultural e para a construção de um ambiente universitário inclusivo, que reconheça diferenças linguísticas e culturais como oportunidades de aprendizagem mútua (Baldé, 2021; Turé & Carvalho, 2023).

Por fim, este artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se a introdução, de seguida a fundamentação teórica sobre interculturalidade no contexto da educação superior, abordando conceitos, desafios e políticas de permanência estudantil; em seguida, descreve-se a metodologia adotada na pesquisa, detalhando os procedimentos de coleta e análise dos dados; posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com estudantes guineenses e brasileiros; por fim, são expostas as considerações finais, nas quais se sintetizam os principais achados do estudo e se apontam recomendações para o fortalecimento de práticas institucionais mais inclusivas no ensino superior.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste ponto são apresentadas algumas abordagens teóricas que versam sobre a interculturalidade e todo aparato cultural que norteia o processo de integração.

2.1. A interculturalidade no contexto da gestão universitária

A interculturalidade tem sido discutida como um fenômeno central na educação superior contemporânea, pois envolve não apenas o reconhecimento da diversidade cultural, mas também a criação de espaços de diálogo e transformação mútua. Luo e Chan (2022) ressaltam que a avaliação da competência intercultural é essencial para promover práticas educacionais inclusivas, sendo necessário compreender como diferentes grupos interagem e aprendem nesse processo. No caso dos estudantes guineenses, Gomes (2022) aponta que a integração acadêmica envolve tanto oportunidades quanto obstáculos, particularmente relacionados à adaptação linguística e ao sentimento de pertencimento.

A língua é um aspecto determinante na adaptação, visto que o português, embora oficial em Guiné-Bissau e no Brasil, apresenta diferenças significativas em termos de expressões idiomáticas e variações culturais. Baldé (2021) destaca que os estudantes guineenses precisam adaptar-se a empréstimos fonético-fonológicos, demonstrando um processo de ressignificação linguística. Essa adaptação linguística se reflete em dificuldades comunicacionais, mas também em possibilidades de aprendizagem intercultural. Nesse sentido, Turé e Carvalho (2023) analisam a expressão idiomática e cultural entre língua guineense e português brasileiro, evidenciando tanto desafios quanto riquezas culturais nesse contato.

Outro fator importante é a permanência estudantil, que depende diretamente de políticas institucionais. Rocha e Baticam (2025) revelam que estudantes guineenses da UNILAB percebem a assistência estudantil como elemento central para sua permanência e desempenho acadêmico. Programas de auxílio financeiro e de acolhimento institucional reduzem as desigualdades e permitem que os estudantes mantenham seus estudos, favorecendo sua integração cultural e social.

A literatura aponta que os estudantes africanos enfrentam também a solidão acadêmica, marcada por um sentimento de distanciamento cultural e racial (Rezende & Oliveira, 2020). Munanga (2004) afirma que o racismo institucional, muitas vezes sutil, compromete o acesso igualitário a oportunidades acadêmicas. Esses desafios são potencializados por estereótipos e pela falta de representatividade nos currículos e espaços de decisão.

Candau (2016) defende que a interculturalidade crítica deve ultrapassar a valorização superficial das culturas, propondo uma abordagem que questione as relações de poder existentes nas instituições de ensino. A escuta ativa, a formação intercultural de professores e a produção

de conhecimento com base em epistemologias do Sul são estratégias apontadas como eficazes para promover ambientes mais equitativos.

Além das dificuldades citadas, é importante considerar o impacto das microagressões culturais que, mesmo sutis, afetam o bem-estar psicológico dos estudantes estrangeiros. Conforme apontam Rezende e Oliveira (2020), muitos estudantes africanos relatam sentimentos de invisibilidade e inferiorização nos ambientes universitários, o que agrava a sensação de isolamento social. Estudos sobre adaptação transcultural, como o de Berry (2005), propõem que a integração bem-sucedida depende de políticas institucionais de acolhimento, apoio emocional e estratégias de mediação intercultural. Tais aspectos ainda são incipientes em muitas universidades brasileiras.

Outro ponto relevante é a ausência de formação intercultural para professores e servidores, o que compromete o atendimento adequado às necessidades dos estudantes internacionais (Silva & Pinto, 2023). Sem preparo, o corpo institucional tende a reforçar práticas monoculturais que dificultam a inclusão.

Os resultados encontrados na literatura apontam que a adaptação dos estudantes guineenses no Brasil é um processo multifacetado. A dimensão linguística aparece como central, pois as diferenças idiomáticas impactam diretamente a comunicação em sala de aula e nas interações sociais. Além disso, a ausência do português como língua materna para muitos estudantes reforça as dificuldades acadêmicas, exigindo estratégias de adaptação constantes (Baldé, 2021; Turé & Carvalho, 2023).

No campo cultural, os estudantes enfrentam desafios relacionados a hábitos, valores e práticas sociais que diferem significativamente entre Guiné-Bissau e Brasil. Essas diferenças podem gerar choques culturais, mas também contribuem para a ampliação das experiências interculturais, fortalecendo o aprendizado mútuo e a construção de novas identidades (Gomes, 2022).

Por fim, o papel da assistência estudantil é destacado como condição indispensável para a permanência. A pesquisa de Rocha e Baticam (2025) demonstra que o suporte financeiro e social oferecido pelas universidades permite que estudantes guineenses minimizem dificuldades econômicas e foquem em sua formação acadêmica. Dessa forma, a integração intercultural se torna viável não apenas no plano simbólico, mas também prático e institucional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os critérios de seleção das fontes priorizaram publicações dos últimos cinco anos, com foco em artigos revisados por pares e estudos empíricos com abordagem qualitativa. Foram consideradas também teses e dissertações disponíveis em bases como SciELO, CAPES e Google Scholar, buscando garantir diversidade de perspectivas e confiabilidade científica.



Este estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica de pesquisas recentes (2021 a 2025) sobre interculturalidade, adaptação cultural e permanência estudantil de guineenses no Brasil. As fontes incluem artigos acadêmicos, dissertações e estudos publicados em periódicos nacionais e internacionais. O objetivo é identificar os principais desafios relatados, sistematizar os achados e refletir sobre estratégias que favoreçam a integração acadêmica e social. Assim, este artigo não se limita a relatar experiências individuais, mas busca compreender tendências gerais e propor reflexões críticas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes brasileiros e guineenses, regularmente matriculados na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pertencentes a diferentes cursos de graduação. Participaram da pesquisa um total de doze estudantes, sendo seis guineenses e seis brasileiros, com idades compreendidas entre 21 e 37 anos. Os participantes foram selecionados considerando a vivência no contexto universitário intercultural, seja como estudantes estrangeiros em processo de adaptação, seja como estudantes brasileiros em interação acadêmica com colegas internacionais. As entrevistas foram orientadas por um roteiro contendo questões abertas, organizadas em eixos temáticos que abordaram: (i) dificuldades de adaptação cultural e acadêmica; (ii) experiências de comunicação e convivência intercultural; e (iii) percepção sobre o apoio institucional oferecido pela universidade. Para melhor compreensão do perfil dos participantes, foi elaborado um quadro contendo informações sociodemográficas, como idade, sexo, estado civil, curso e outras características relevantes, possibilitando uma análise mais contextualizada dos dados obtidos.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste ponto são apresentados os resultados referentes às entrevistas realizadas e discutidos com base nas teorias evidenciadas pelos estudos que abordam questões relacionadas com a interculturalidade e desafios de adaptação.

Figura 1: Palavras-chave identificadas nas entrevistas com os estudantes guineenses e brasileiros

Palavras-chave dos estudantes guineenses	Palavras-chave dos estudantes brasileiros
	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

A figura 1 sintetiza, por meio de nuvem de palavras, os principais eixos temáticos identificados nas entrevistas realizadas com estudantes guineenses e brasileiros. No caso dos estudantes guineenses, observa-se predominância do termo "dificuldades" o que sugere que suas narrativas enfatizam obstáculos de vária ordem, desde a comunicação até ao papel central do núcleo familiar como suporte. Já entre os estudantes brasileiros, destacam-se as palavras "convivência" e "adaptação", indicando maior ênfase nas interações sociais e nos processos de integração.

4.1 Análise da entrevista dos estudantes guineenses

Participaram da pesquisa seis (6) estudantes guineenses regularmente matriculados na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos (EG1, EG2, EG3, EG4, EG5 e EG6). O Quadro 1 apresenta a caracterização sociodemográfica dos entrevistados.

Quadro 1: Caracterização dos estudantes guineenses

Código	Idade	Sexo	Estado Civil	Curso	Possui filhos
EG1	28	F	Solteiro	Ciências Contábeis	Não
EG2	28	M	Solteiro	Psicologia	Não
EG3	29	M	Solteiro	Ciências Sociais	Não
EG4	23	M	Solteiro	Letras Português e inglês	Não
EG5	22	F	Solteira	Engenharia de alimentação	Não
EG6	21	M	Solteiro	Engenharia de Software	Não

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

Os dados apresentados no Quadro 1, indicam maior número de entrevistados do sexo masculino. A idade dos entrevistados varia dos 21 aos 29 anos, todos solteiros, sem filhos e frequentando diferentes cursos.

Na entrevista com os guineenses, estes também concordam que a comunicação constitui um fator de grande impacto em suas vivências diárias. Apesar dos dois países terem o Português como língua oficial, o português falado no Brasil é marcado pelo uso de gírias não comumente usadas na Guiné-Bissau, o que afeta grandemente a comunicação entre os brasileiros e os guineenses. Não obstante, os guineenses consideram o ensino brasileiro mais liberal e a convivência com os professores e pessoas mais velhas marcada por relações de muita abertura e informalidade, diferente do que acontece na Guiné-Bissau, as relações são de muita formalidade. As aulas no contexto brasileiro exigem maior participação ativa, autonomia e senso crítico elevado, diferente do modelo tradicional usado na Guiné-Bissau, cujas aulas são monótonas e expositivas, e o ensino é centrado no professor, conforme pontuado pela EG1 "....Os estudantes brasileiros são mais abertos e informais, enquanto eu venho de uma cultura onde existe mais formalidade, principalmente na relação com professores. Essa adaptação foi um desafio, mas também um aprendizado muito importante para o meu crescimento acadêmico e pessoal." A questão racial foi igualmente apontada como parte das diferenças percebidas entre os brasileiros e os guineenses "A questão racial é fortemente marcada por desigualdades históricas e pelo racismo estrutural, mesmo em meio à diversidade étnica. Na Guiné-Bissau, por ser um país maioritariamente negro, as desigualdades sociais estão mais relacionadas à classe social, à etnia e à posição social do que à cor da pele", argumenta EG2.

Dizem os entrevistados, que foram várias as dificuldades por eles enfrentadas, desde a falta de acolhimento institucional e as desigualdades no acesso às bolsas de estudo, colocando

os estudantes internacionais em desvantagem e originando uma margem de competição desigual. Foram igualmente enfrentadas dificuldades na adaptação aos métodos de ensino, no uso intensivo de tecnologia, em avaliações competitivas, na comunicação que muitas vezes causou mal-entendidos e criou dificuldades de compreensão, relatando-se episódios em que teve-se receio de participar nas aulas por medo de não ser compreendida ou ser julgada pelo seu sotaque diferente. Relatou-se também o sentimento de distanciamento e solidão movido pelo fato dos brasileiros serem considerados individualistas; destacou-se também a vivência de situações de racismo e preconceito sentidos tanto em sala de aula, quanto nos demais espaços da universidade, afetando a autoestima e o sentimento de pertencimento. A distância da família e dos hábitos culturais de Guiné-Bissau gerou muita saudade, nostalgia e isolamento emocional. EG3 acrescenta a lista das dificuldades enfatizando que a inexistência de moradia estudantil, aliada ao alto custo de vida, obriga muitos estudantes estrangeiros a priorizarem o trabalho em detrimento dos estudos, levando, em diversos casos, à evasão acadêmica, comprometendo o desempenho acadêmico e a saúde mental.

Questionados sobre as estratégias de enfrentamento das dificuldades, os entrevistados mencionam o apego às leituras sobre os conteúdos das matérias, mas também destacam o esforço contínuo de aprender sobre a cultura brasileira e o aprimoramento do vocabulário brasileiro. Buscam igualmente a construção de vínculos sociais entre colegas e professores, mas sobretudo, focam nos objetivos pessoais e acadêmicos, compreendendo as dificuldades como parte do processo.

Foi relatado que a UFMS oferece suporte institucional por meio da Agência de Internacionalização (AGINTER), fornecendo informações sobre a documentação e programas disponíveis. Ademais, a UFMS promove ações voltadas para a diversidade e inclusão, tal é o caso do programa "UFMS Diversa", que busca valorizar múltiplas identidades culturais e sociais e o "Mais Cultura UFMS", favorecendo o diálogo intercultural e a interação entre estudantes brasileiros e estrangeiros. Apesar dos apoios mencionados, houve relatos de que este suporte precisa estar mais acessível desde o momento inicial de chegada ao país e/ou à instituição, considerando importante a criação de um programa de acolhimento institucional contínuo aos estudantes estrangeiros, ação esta entendida, como estratégia para a redução das barreiras culturais.

Portanto, neste ponto encontram-se ambiguidades à medida que alguns entrevistados consideram simbólica a atuação da AGINTER, existe uma discrepância profunda entre o que a instituição define como apoio e aquilo que, de fato, atende às necessidades reais dos estudantes internacionais. "O suporte oferecido é predominantemente burocrático e simbólico, sem

efetividade prática na permanência acadêmica e social”, diz o EG3 que acrescenta dizendo que este órgão falha no acompanhamento do estudante, desde à recepção limitada até ao não preparo do estudante estrangeiro para a realidade do racismo estrutural brasileiro, sustentando, ainda que implicitamente, o mito da democracia racial, mas também sobre como agir em casos de racismo, violação e violência. Ainda neste ponto, há quem destaca o papel inequívoco do professor no acolhimento do estudante estrangeiro ao ambiente acadêmico, destacam EG5 e EG6.

Para ultrapassar as dificuldades, sugere-se que a UFMS se ancore no fortalecimento de programas de acolhimento para estudantes estrangeiros, na ampliação dos espaços de diálogo sobre a interculturalidade, no apoio psicológico com profissionais preparados para lidar com questões de adaptação, discriminação e choque cultural, na comunicação bilateral que permeie pela escuta dos estudantes estrangeiros permitindo que suas experiências e dificuldades sejam consideradas na construção de políticas institucionais mais inclusivas e os incluam nos processos decisórios. Mas também, aponta-se a elaboração de políticas de permanência, a edificação de uma moradia estudantil, o fortalecimento do auxílio alimentação e políticas econômicas mais equitativas. Os entrevistados dizem ainda que mais intervenções podem ser materializadas por meio da autonomia na representação cultural, criticando iniciativas institucionais que falam da África sem a participação efetiva dos estudantes africanos, perpetuando assim visões estereotipadas, arcaicas ou folclorizadas do continente, defendendo-se deste modo o reconhecimento da África contemporânea, diversa, moderna e em desenvolvimento e rejeitando narrativas que a reduzem à pobreza, ao conflito ou à colonização.

4.2 Análise da entrevista dos estudantes brasileiros

Participaram da pesquisa seis (6) estudantes brasileiros regularmente matriculados na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos (EB1, EB2, EB3, EB4, EB5 e EB6). O Quadro 2 apresenta a caracterização sociodemográfica dos entrevistados.

Quadro 2: Caracterização dos estudantes brasileiros

Código	Idade	Sexo	Estado Civil	Curso	Possui filhos
EB1	24	M	Solteiro	Ciências Contábeis	Não informado
EB2	21	M	Solteiro	Ciências Contábeis	Não
EB3	22	F	Solteira	Ciências Contábeis	Não
EB4	37	F	Divorciada	Ciências Contábeis	Não
EB5	21	M	Solteiro	Administração	Não
EB6	22	M	Solteiro	Ciências da Computação	Não

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

Com base nos dados apresentados no Quadro 2, observa-se maior número de estudantes entrevistados do sexo masculino. A faixa etária dos entrevistados varia entre 21 e 37 anos de idade. A maioria é solteira, frequentando o curso de Ciências Contábeis. Verifica-se ainda que quase todos os entrevistados não possuem filhos, com a exceção do EB1 que não foi informado.

A maioria dos entrevistados brasileiros mencionaram a comunicação e o sotaque como sendo uma das principais diferenças percebidas entre os brasileiros e os guineenses, em alguns casos, os entrevistados relatam não terem tido contato com nenhum guineense, não havendo experiências a partilhar, contudo, a convivência, os costumes, a alimentação, o modo de se socializar foram igualmente relatados como sendo parte das diferenças percebidas na convivência, acrescentando que os guineenses valorizam muito a coletividade e o respeito a hierarquias, sobretudo com professores e pessoas mais velhas, dedicando mais tempo para conversar, comer juntos e manter vínculos comunitários, diferente dos brasileiros que são considerados mais informais e com mais naturalidade, e mais, na realidade brasileira tudo é mais corrido.

Entender o que guineenses falam às vezes se transforma numa missão difícil, isto porque alguns significados são diferentes do português falado no Brasil, este foi o relato deixado ficar por um dos entrevistados respondendo sobre as dificuldades enfrentadas no processo de adaptação cultural. Ademais, as falas rápidas e o uso das gírias, em algum momento causavam mal-entendidos, criando retração na realização dos trabalhos em grupo, que em dado momento foi interpretado como sendo falta de interesse, quando na prática tratava-se de um processo de adaptação cultural.

Apesar de alguns relatos mencionarem a ausência de convivência com guineenses, EB4

diz praticar a paciência para melhor interação, por meio de insistência na apresentação das questões ou na busca de sinônimos "quando não entendia eu perguntava novamente ou pedia para ele mudar a palavra para poder entender o contexto da frase". Falas lentas e poucas gírias ajudaram bastante no enfrentamento da adaptação cultural, buscando aproximar-se para entender mais sobre a cultura, incluí-los nas atividades em grupo e nas conversas, foram aspectos considerados decisivos para a construção de amizades entre os brasileiros e os guineenses, diz o EB6.

As respostas revelam percepções difusas sobre o suporte institucional oferecido aos estudantes guineenses, alguns entrevistados afirmam não conhecerem ações levadas a cabo pela instituição em apoio aos estudantes estrangeiros, outros, acreditam que a UFMS oferece acolhimento (EB2), recepção, integração, orientação acadêmica e que projetos em grupo facilitam a interação entre estudantes brasileiros e estrangeiros (EB6).

Para a melhoria do enfrentamento das dificuldades culturais, os entrevistados sugerem ações como um dia de acolhimento de países, destacando a partilha dos aspectos culturais dos estudantes estrangeiros e dos brasileiros (EB1, EB2, EB4), palestras que ressaltem as diferenças culturais (EB5) e investimento em atividades de integração como rodas de conversa, eventos gastronômicos, grupos de tutoria entre estudantes brasileiros e estrangeiros, bem como a criação de oficinas que abordam sobre a convivência intercultural, que incluem tanto os estudantes brasileiros, quanto os estrangeiros, isto porque a adaptação acontece de ambos lados, destacando que tais ações ajudariam a minimizar barreiras, preconceitos e tornaria o ambiente universitário mais acolhedor (EB6).

4.2 Discussão à luz da teoria

Vale ressaltar que a interculturalidade pressupõe processos dinâmicos em diversas vertentes socioculturais, pois nela emergem relações de desigualdades sociais, políticas e econômicas, fortalecendo a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais e reconhecendo que todas as culturas são incompletas (Sacavino, 2020), daí que é preciso compreender essas diversidades como mecanismo para a redução das barreiras de integração intercultural e minimização das dificuldades enfrentadas tanto pelos nativos, quanto pelos não-nativos, no contexto da interculturalidade.

Para reduzir as barreiras da interculturalidade, é importante que este processo seja entendido como um momento de promoção de diálogo, da convivência e da equidade, que são alguns dos elementos importantes para o respeito das diferenças culturais, portanto, o sistema

educativo precisa desenvolver competência cultural nos discentes, com atitudes e habilidades para viver em uma sociedade multicultural, tendo o diálogo como principal foco (Torres & Leiro, 2025), para que o momento de integração se torne parte de uma experiência agradável e marcada por construção de relações sólidas.

Em relatos de experiências sobre intercâmbios, admite-se que tomar a iniciativa de viajar para o intercâmbio, requer aceitação, renúncias, imprevistos, adaptação das diferenças culturais como alimentação, hábitos e valores; mas, a barreira linguística é igualmente apontada como um dos empecilhos no processo, e como estratégia de enfrentamento, requiere-se o desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança, focando no cumprimento dos objetivos definidos (de Oliveira Filho & Santos, 2021), estes relatos, corroboram com as estratégias pontuadas pelos estudantes guineenses, segundo os quais, para tornar a experiência menos dolorosa, dedicam seu tempo e sua atenção nas disciplinas frequentadas, priorizando os objetivos individuais e entendendo que as dificuldades são parte do aprendizado e do crescimento.

A interculturalidade tem sua expressão maior quando vinculada ao movimento da internacionalização, esta que surge como possibilidade de cooperação e envolve um conjunto de políticas, estratégias, ações e atores, oferecendo a possibilidade de partilha de saberes de realidades diferentes e contribuindo ativamente para a introdução de uma dimensão internacional e intercultural nas atividades de pesquisa e ensino (Torres & Leiro, 2025), tornando-se inequívoco o papel de relevo exercido pelos professores e pela gestão universitária na consolidação desta ação. E, olhando para as vantagens e oportunidades que este processo pode trazer, configura-se numa ação interessante e promissora do ponto de vista de pesquisas e partilha de saberes.

Considerando a internacionalização como um processo complexo, é importante que o suporte institucional esteja evidente e seja factível, a instituição precisa planejar e executar suas atividades de internacionalização de tal forma que os estudantes se sintam preparados e acolhidos ao ingressarem na instituição (de Oliveira Filho & Santos, 2021), este posicionamento é igualmente defendido por (Luce, Fagundes, & Mediel, 2016), segundo os quais, um dos elementos que contribuem para o sucesso da mobilidade é a integração cultural dos estudantes estrangeiros. Alguns relatos de gestores universitários, contam que a interculturalidade na educação deve ser considerada no processo educativo, respeitando as diferentes culturas, possibilitando vivências por meio de diversas abordagens e metodologias, reconhecendo as diferenças, não como desigualdade ou inferioridade, mas como vantagem pedagógica que enriquece as relações humanas.

Sobre as diretrizes institucionais de interculturalidade, denotam-se ambiguidades, por um lado, afirma-se existir poucas orientações diretamente ligadas à interculturalidade e que os esforços nesse sentido são frutos de ações isoladas de docentes com interesses específicos nesse ponto (Santos, 2022), esta colocação reafirma o papel preponderante desempenhado pelos professores no processo da interculturalidade. Não obstante, há relatos de que as diretrizes são ações ainda em construção, mas também há quem diga que tem sido realizadas discussões sobre avaliação e diferenças, e que são promovidos programas de extensão e intercâmbios. Ainda assim, há relatos que desconhecem exemplos de prática de interculturalidade em suas universidades, mostrando que, nenhuma das situações mencionadas sobre as políticas da interculturalidade são opostas às respostas obtidas nas entrevistas com os brasileiros e guineenses, demonstrando que a visão sobre determinada prática pode ser diferente em função de quem participa neste movimento.

Diante deste cenário, considera-se importante que práticas e políticas de interculturalidade, sejam massivamente divulgadas no seio de toda a comunidade acadêmica, para que ações inerentes a elas não se tornem conhecidas por uns e desconhecidas por outros, ou seja, que se tenha uma visão compartilhada sobre esta questão deveras importante. É igualmente útil que o momento de chegada à instituição e de orientação não seja percebido como apenas um processo burocrático e simbólico, entendendo esse ato como o início de construção de relações sólidas de amizade e vínculos importantes para a realização de pesquisas conjuntas.

Não há interculturalidade autêntica sem inclusão, as entrevistas constataram que os estudantes guineenses desenvolvem sentimentos de solidão e nostalgia porque tudo torna-se estranho aos seus olhos, desde a forma como se comunicam, até ao ser-estar, em relação à sua realidade, daí que existe uma necessidade de garantir que os mesmos sintam-se incluídos em todas as dimensões, desde o fortalecimento de programas de acolhimento para estudantes estrangeiros, por meio da ampliação dos espaços de diálogo sobre a interculturalidade, no apoio psicológico com profissionais preparados para lidar com questões de adaptação, discriminação e choque cultural, na comunicação bilateral que permeie pela escuta dos estudantes estrangeiros permitindo que suas experiências e dificuldades sejam consideradas na construção de políticas institucionais mais inclusivas e nos processos decisórios.

Considera-se igualmente que os estudantes sintam-se mais amparados e acolhidos com a elaboração de políticas de permanência, a edificação de uma moradia estudantil, o fortalecimento do auxílio alimentação e políticas econômicas mais equitativas. Mais intervenções podem ser materializadas por meio da autonomia na representação cultural,

promovendo iniciativas institucionais que falam da África com a participação efetiva dos estudantes africanos, desmistificando visões estereotipadas, arcaicas ou folclorizadas do continente africano, rejeitando narrativas que reduzem a África como lugar histórico da pobreza, conflito e colonização, e reconhecendo a África contemporânea, diversa, moderna e em desenvolvimento.

5 CONCLUSÕES

Diante do exposto, é fundamental que as universidades brasileiras assumam um compromisso com políticas de internacionalização mais inclusivas. Isso envolve a criação de espaços seguros para diálogo intercultural, o apoio psicossocial contínuo aos estudantes estrangeiros e a incorporação de perspectivas africanas e afro-brasileiras nos currículos. Além disso, é imprescindível garantir a representatividade dos estudantes africanos em conselhos, comissões e atividades extracurriculares, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

A formação de cidadãos globais passa pela construção de uma universidade plural, que reconheça as múltiplas vozes e saberes presentes em seu cotidiano. Assim, a experiência intercultural de estudantes guineenses no Brasil pode se transformar em uma via de mão dupla: de aprendizagem, resistência e reconstrução coletiva do espaço acadêmico.

Recomenda-se que as universidades brasileiras promovam capacitações interculturais para docentes, desenvolvam núcleos de acolhimento com participação ativa de estudantes internacionais e revisem os critérios de assistência estudantil, ampliando o acesso para estrangeiros. Tais medidas não apenas reduzem as desigualdades, como também promovem um ambiente educacional mais justo e plural, conforme orienta a política nacional de internacionalização da educação superior (Brasil, 2017).

A análise realizada neste artigo evidencia que o processo de adaptação cultural de estudantes guineenses no Brasil é atravessado por barreiras linguísticas, desafios culturais e condições materiais que influenciam sua permanência. A interculturalidade, nesse sentido, revela-se um espaço de tensões e aprendizagens, em que as diferenças não são apenas obstáculos, mas também oportunidades de construção de novas identidades e práticas acadêmicas mais inclusivas. Os estudos recentes apontam para a importância das políticas de assistência estudantil, que desempenham papel decisivo na permanência e integração desses estudantes. Assim, investir em estratégias institucionais de acolhimento e valorização da diversidade cultural é fundamental para fortalecer a cooperação acadêmica e a formação de cidadãos globais.

REFERÊNCIAS

- BALDÉ, M. B. *Adaptações fonético-fonológicas de empréstimos do português para o guineense*. 2021.
- BERRY, J. W. Acculturation: living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 29, n. 6, p. 697–712, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.07.013>.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Internacionalização da Educação Superior*. Brasília, DF: MEC/CAPES, 2017.
- CANDAU, V. M. F. Interculturalidade e educação: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 65, p. 20–38, 2016.
- DE OLIVEIRA BOAVENTURA FILHO, N.; SANTOS, L. S. Intercâmbio acadêmico nos cursos de graduação: pressuposições dos jovens estudantes. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 2, n. 9, p. e29708, 2021.
- GOMES, I. C. *Integração – desafios e perspectivas: o caso dos estudantes guineenses da UNILAB/Malês*. 2022.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação Superior: notas estatísticas*. Brasília, DF, 2022.
- LUCE, M. B.; FAGUNDES, C. V.; MEDIEL, O. G. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 21, p. 317–340, 2016.
- LUO, J.; CHAN, C. K. Y. Qualitative methods to assess intercultural competence in higher education research: a systematic review with practical implications. *Educational Research Review*, v. 37, p. 100476, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2022.100476>.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- REZENDE, M. P.; OLIVEIRA, T. S. Racismo institucional e a vivência de estudantes africanos em universidades brasileiras. *Revista de Educação e Cultura Contemporânea*, v. 17, n. 47, p. 1–18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/2238-121X.20200029>.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ROCHA, A. P.; BATICAM, S. T. Percepções de estudantes guineenses sobre política de assistência estudantil da UNILAB. *Educação em Análise*, v. 10, p. 1–28, 2025.
- SACAVINO, S. B. Interculturalidade e práticas pedagógicas: construindo caminhos. *Educação UFSM*, v. 45, 2020.

SANTOS, M. P. Inclusão e interculturalidade no ensino superior: uma análise omnilética das concepções de gestores de uma universidade pública brasileira. *Revista Cocar*, Belém, v. 13, ed. esp., p. 1–21, 2022.

SILVA, M. A.; PINTO, D. R. Formação docente e interculturalidade: limites e possibilidades na educação superior. *Revista Práxis Educacional*, v. 19, n. 50, p. 314–332, 2023.

TORRES, H. C.; LEIRO, A. C. R. Internacionalização e gestão da educação superior. *Revista Práxis Educacional*, v. 21, n. 52, p. 9, 2025.

TURÉ, A. S.; CARVALHO, G. L. Expressão idiomática e cultura: um estudo sobre aspectos culturais na língua guineense e no português brasileiro. *NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, v. 3, n. especial II, p. 508–526, 2023.